Revista de Estudos Culturais

A APERTADA CINTURA DOS FUTURISTAS: HOMOFOBIA E PRECONCEITO NA RECEPÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADE

THE TIGHT WAIST OF THE FUTURISTS: HOMOPHOBIA AND PREJUDICE IN THE RECEPTION OF MÁRIO DE ANDRADE

Por Jorge Israel Ortiz Vergara[1]
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0699-6518

Resumo

Na sociedade em que Mário de Andrade viveu existiram várias formas de preconceito, e seu estudo oferece perspectiva para entender a atuação artística. Desde o início da década de 1920, os jornais paulistas *A Gazeta* e a *Folha da Noite* e a revista carioca *D. Quixote* produziram conteúdo preconceituoso para ridicularizar o grupo modernista. Escritores, jornalistas e humoristas dirigiram o conteúdo mais agressivo contra Mário de Andrade e usaram formas artísticas específicas, poesia, prosa e caricatura. Distintos autores utilizaram recursos artísticos para promover o discurso preconceituoso, mas a arte também foi elemento para questionar o preconceito. No presente ensaio, o autor considerou algumas ideias da *Teoria Queer* e escolheu material visual para comentar o discurso homofóbico contra Mário de Andrade. O ensaio se sustenta sobre documentação desconhecida dos estudiosos do modernismo e de Mário de Andrade. É condição de possibilidade para a superação do preconceito o conhecimento da sua existência.

Palavras-chave: arte; jornalismo; preconceito.

Abstract

In the society in which Mário de Andrade lived, there were various forms of prejudice, and his study offers a perspective for understanding artistic performance. Since the beginning of the 1920s, the São Paulo newspapers A Gazeta and Folha da Noite, and the magazine D. Quixote in Rio de Janeiro produced prejudiced content to ridicule the modernist group. Writers, journalists, and comedians have directed the most aggressive content against Mário de Andrade. They use specific artistic forms such as poetry, prose, and caricature. Different authors have used artistic resources to promote prejudiced speech, however, art is also an element of questioning prejudice. The author considered ideas from Queer Theory and chose visual material to comment on homophobic speech. This essay is based on documentation that is unknown to scholars of modernism and Mário de Andrade. Knowledge of its existence is a condition for overcoming prejudice.

Keywords: *art; jornalismo; prejudice.*

1 Sem vínculo institucional

Introdução[2]

No tempo em que Mário de Andrade viveu existiram vários preconceitos. Havia a preocupação social a respeito das pessoas com diagnósticos de doenças mentais, o que levou muitos a perderem a liberdade em instituições psiquiátricas. Pensava-se que as mulheres deveriam ficar em casa e cuidar da família, pois a recomendação era que apenas varões estudassem e trabalhassem fora do lar. Embora diversas ações em defesa das minorias sexuais houvessem sido propostas, na Alemanha no século dezenove, e a informação circulasse na literatura especializada, essas minorias enfrentaram forte repressão ao existir publicamente.

Acreditava-se que pessoas negras e mestiças eram um "problema" para a nação, por isso a elite brasileira planejou o "branqueamento" do país. Desde 1920, preconceitos ligados aos temas anteriores foram usados repetidamente contra os modernistas paulistas e Mário de Andrade em periódicos de Rio de Janeiro e São Paulo. O estudo desses casos oferece perspectiva para interpretar a produção intelectual e artística de Mário, pois essas formas de preconceito integraram o mundo em que ele e outros produziram conteúdo.

No início da década de 1920, três periódicos veicularam ideias preconceituosas e fizeram de Mário de Andrade o principal objeto de injúria. Os jornais paulistas *A Gazeta* (1914-1933) e a *Folha da Noite* (1921-1959), e a revista carioca *D. Quixote* (1917-1926) publicaram conteúdo preconceituoso para contestar a ação do grupo que organizou a Semana de Arte Moderna. As publicações preconceituosas utilizaram formas artísticas e literárias, poesia, prosa e caricatura. A arte foi, portanto, tanto um recurso para contestar o preconceito quanto um

2 O autor fez algumas modificações no presente ensaio e adaptou-o às normas da *Revista de Estudos Culturais*. Texto original: Vergara, Jorge. Os mesmos insultos extraliterários se repetem incansavelmente: Homofobia e preconceito na recepção de Mário de Andrade. In: Barros, Regina Teixeira de. (org.). *Mário de Andrade: duas vidas / Mário de Andrade*: Two Lives. São Paulo: MASP, pp. 94-119, 2024.

meio de promovê-lo. Neste ensaio, serão considerados alguns elementos dessas publicações, preferencialmente o discurso da homofobia em forma de caricatura. As categorias de análise vinculadas aos preconceitos analisados são construções teóricas recentes.

A *Teoria Queer* nos convida a desarmar a homofobia e o preconceito. No livro de Eve Kosofsky Sedgwick, *Epistemology of the closet* [Epistemologia do armário], "armário" é o termo que indica a construção social da censura, repressão e estigmatização das minorias sexuais. Nem sempre há lésbicas, gays ou identidades estigmatizadas no interior do armário, pois se entende que as minorias não necessitam de coerência ou substância para que os efeitos da construção social existam. "*Queer*" significou primeiro uma contestação social e só secundariamente uma identidade (Lauretis, 2015, p. 109). O armário afeta a sociedade na qual opera, assim, por exemplo, aquele que promove ideias homofóbicas recebe a influência do armário que ajuda a sustentar. O discurso preconceituoso é elemento do armário e, no caso da recepção da obra de Mário de Andrade, esse discurso deixou registro em publicações periódicas da primeira metade do século vinte. O fato de os jornais brasileiros terem produzido conteúdo preconceituoso, contudo, não levou pessoas e instituições a conhecerem e se precaverem dessas práticas. Houve um silenciamento do conteúdo que podia ou não ser valorizado, lembrado ou historiado. O silêncio e a ignorância são tão performativos quanto o discurso na construção social do armário (Sedgwick, 1990, p. 4). Por isso, é condição da superação do preconceito o amplo reconhecimento de sua existência.

A apertada cintura dos futuristas: afeminação e homofobia

Teorias médicas que circularam no Brasil, na primeira metade do século vinte, vincularam o conceito da afeminação à descrição da homossexualidade (Ribeiro, 1938, pp. 36-37; Almeida, 1906, p. 25, 64). A linguagem da época difere da atual; deste modo, o médico José Ricardo Pires de Almeida usou "feminismo" e "feminista" para indicar varões afeminados ou "*homens efeminados*". Esses

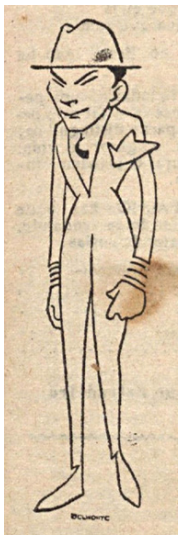
corpos masculinos teriam propriedades do corpo feminino, e os termos se referiam a desvios sexuais (Almeida, 1906, pp. 100-101, itálico no original). Também os jornalistas da época usavam expressões próprias para a afeminação. Vozes como "almofadinha", "menino bonito" e "moço bonito" foram usadas como sinônimos, mas, esta última foi referência para o roubo, o assédio a mulheres, o travestismo e o trabalho sexual homossexual masculino (Vergara, 2021, p. 2). Nas publicações homofóbicas antimodernistas aqui consideradas, o discurso sobre a afeminação evocou formas específicas do jornalismo e utilizou termos médicos.

Sob a direção do escritor e humorista Manuel Bastos Tigre, a revista carioca *D. Quixote* promoveu o processo antimodernista entre os anos de 1920 e 1926. Em cento e quatorze publicações com conteúdo preconceituoso, *D. Quixote* questionou os discursos e ações do grupo que se organizou em torno da Semana de Arte Moderna. *Klaxon* e *Paulicea desvairada* foram as obras mais citadas, e Mário de Andrade foi o autor mais referido e o que recebeu as injúrias mais agressivas, sendo a afeminação conceito recorrente (Vergara, 2024b, p. 49, 59).

O caricaturista Belmonte (Benedito Bastos Barreto) colaborou com o processo de *D. Quixote*, e a maioria das caricaturas aqui comentadas é de sua autoria. Ele representou a afeminação várias vezes. Um dos seus desenhos não faz referência a Mário de Andrade, mas interessa porque explica a figura das "cadeiras apertadas", representação recorrente no material analisado. Na charge que ilustra a coluna "Futurismo, penumbrismo & C.", Belmonte desenhou a roupa e a postura elegante do poeta com o paletó muito ajustado à altura da cintura (Figura 1). No texto, o autor explica que o "futurista" Guilherme de Almeida é "almofadinha", e que as "cadeiras apertadas" ilustram esse "almofadismo". Na prensa da época e nas campanhas antimodernistas supracitadas, as vozes "futurismo" e "futurista" eram termos para indicar a vanguarda e o modernismo. Referências ao movimento futurista italiano não foram frequentes. Na entrevista apócrifa ao escritor, este insiste em falar sobre a cintura apertada e a importância da elegância. Almeida alega que sua maior influência literária foram os "postais femininos" para o *Jornal*

das Moças (Belmonte, 1922d, p. 15). Se o foco corresponde à sátira contra o poeta por meio da figura da afeminação, o conteúdo também retrata pejorativamente o mundo e o público femininos.

Figura 1: Belmonte. [Guilherme de Almeida]



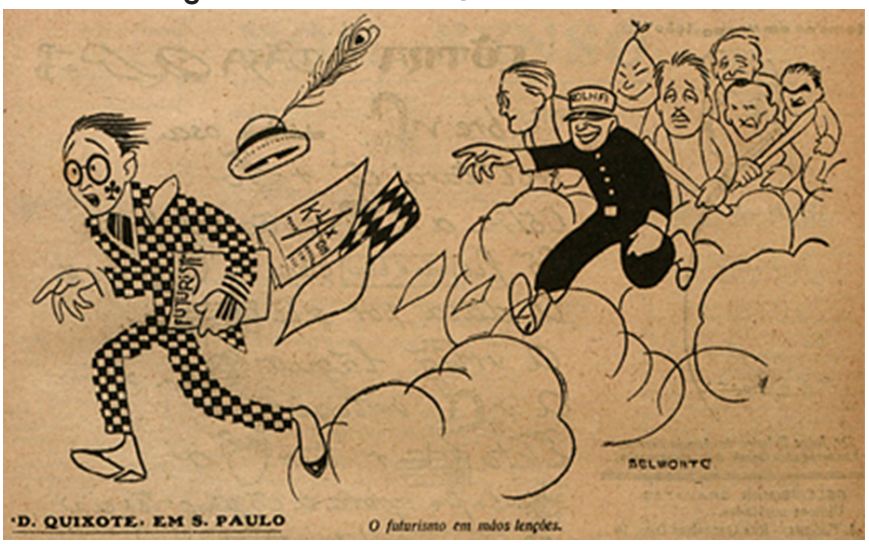
D. Quixote. Futurismo, penumbrismo & C. Rio de Janeiro. 27 dez. 1922d, p. 15. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

Belmonte associou *Paulicea desvairada* à afeminação e à falta de sentido, e satirizou três poemas do mesmo livro: "Tu", "Paisagem N. 4" e "Nocturno". No caso dos versos de "Tu", Belmonte entendeu que a mulher que Mário de Andrade poetizou não tem sentido (Belmonte, 1923e, p. 55). É notável a quantidade de críticas e sátiras que os poemas "Tu" e "Nocturno" receberam nas campanhas da *Folha da Noite* e d'*A Gazeta*. Com o pseudônimo Mestre Cook, Couto de Magalhães satirizou "Tu" repetidas vezes, criando outra versão do poema n'*A Gazeta* (Vergara, 2024a, p. 10). Oswald de Andrade começou a divulgar esses dois poemas desde maio de 1921, em publicação no *Jornal do Comércio* de São Paulo.

Publicado em *D. Quixote*, Belmonte representou o "futurista" levantando nuvem de poeira ao fugir da *Folha* (Figura 2). O jovem carrega um livro com o título *Futurismo*, e ao correr, deixa cair a revista *Klaxon* e *Paulicea desvairada* (o livro com capa de losangos). O guarda ou policial leva o nome "Folha" na boina,

retratando a *Folha da Noite* na direção do movimento antifuturista, e não apenas na sua campanha. Monteiro Lobato não participou da campanha da *Folha da Noite*, mas era reconhecido antimodernista, e é a última figura no canto superior à direita. Para representar o jovem "futurista", Belmonte desenhou múltiplas referências para o cuidado com a roupa: o lenço, os guantes, os sapatos de duas cores, e o chapéu com pena de faisão.

Figura 2: Belmonte. D.Quixote em S. Paulo



D. Quixote. D. Quixote em S. Paulo. Rio de Janeiro. 4 abr. 1923b, p. 17. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

Belmonte representou os últimos versos do poema "Paisagem N. 4" na caricatura intitulada "E viva o futurismo!". A conexão entre os versos de Mário de Andrade, que indicam alguns dos conflitos dos habitantes de São Paulo, é difícil de assimilar. Este foi um dos motivos para terem sido interpretados como ausentes de sentido. Citado na publicação, o verso "Mutismos presidenciais, para trás!" gerou a imagem do presidente que voa longe após a passagem do "futurista". Enquanto "Mas as ventaneiras dos braços cruzados!" pode indicar a carestia e o desemprego. Belmonte desenhou essas pessoas por meio de formas angulares e contrastes de claro-escuro. Embora não conste em "Paisagem N. 4", a caricatura registra a variação linguística do nome do armazém do qual saem clarins, e o nome

do reconhecido poeta decadentista italiano Gabriele D'Annunzio. Ao centro, o "futurista" leva duas facas longas o que, provavelmente representa o caráter antagônico das palavras "lutar", "hostilizar" e "presas inimigas". Belmonte desenhou o jovem com roupa elegante por meio de traços angulares que novamente destacam a cintura apertada (Figura 3). Nesse caso, o ângulo da cintura poderia ser interpretado apenas como a crítica de Belmonte à arte abstrata. Contudo, a cintura apertada e a elegância foram elementos recorrentes nas sátiras antimodernistas.

Figura 3: Belmonte. E viva o futurismo!

D. Quixote. E viva o futurismo! Rio de Janeiro. 25 out. 1922c, p. 13. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

Mário de Andrade registrou "Batat'assat'ô furnn!..." no poema "Nocturno" de *Paulicea desvairada* (1922, pp. 92-95). O verso corresponde à poetização da variação linguística do vendedor ao entoar seu pregão, o canto usado para

anunciar um produto, neste caso, o do imigrante que vendia batatas nas ruas do Cambuci. Músico e com estudos em etnografia, Mário estava interessado nas músicas e nas práticas culturais populares. No caso da poesia, em *Paulicea,* também há preocupação com as sonoridades das consoantes e vogais, e não apenas com o sentido das expressões. Durante a campanha da *Folha da Noite*, o verso do pregão foi repetidamente citado para denunciar o que seria a má qualidade da sua poesia e a falta de senso do futurismo (Vergara, 2018, p. 26). O tema foi reconhecido na revista paulista *A Cigarra* (1917-1975), na qual Diógenes e Belmonte publicaram caricaturas antimodernistas que recorrem à afeminação com textos que retomam os versos de "Nocturno".

Diógenes citou o pregão sem a variação linguística. No texto que acompanha a caricatura, certa mulher jovem e elegante chama o "poeta futurista" de nefelibata. Este responde com frase que deveria indicar sua erudição e originalidade. Cita o pregão na tentativa de elogiar a beleza da jovem, mas a frase termina de forma desajeitada e ridícula (1924, p. 28). Diógenes representou o poeta com a cintura apertada e detalhes elegantes. Entretanto, o "poeta futurista" usa as roupas inadequadamente, o anel na falange distal, a bainha na calça listrada, o sapato estranho e grande, e o paletó levemente amarrotado. O "futurista" seria, portanto, inepto: buscou e falhou em gerar sua elegância.

A caricatura de Belmonte n'*A Cigarra* faz parte de uma sequência de charges dedicadas a distintos poetas, o épico, o lírico, o trágico e o futurista. O "poeta futurista" possui as características do "almofadinha", jovem, elegante e com a cintura apertada. Na parte direita da caricatura, atrás das nuvens que cobrem parte do palco, Belmonte desenhou elementos típicos da tecnologia moderna, a indústria e o aeroplano. Também se observa o sapato com detalhes, o braço levantado, a mão com luvas, e certo elemento que parece ser uma roda de automóvel (Belmonte, 1923d, p. 41). O conjunto não constitui paisagem, mapa ou referência a algo estruturado, pois Belmonte critica a falta de sentido dos modernistas. O "poeta futurista" declama em posição extravagante e incômoda,

com uma mão erguida, uma perna virada para trás, e o corpo inclinado para frente. Na legenda, se lê que o caricaturista esqueceu de desenhar o "monte de batatas". Belmonte foi redator da *Folha da Noite* desde 1921 (Gorberg, 2018, p. 97) e colaborou com caricaturas antimodernistas em *D. Quixote* desde 1920 (Vergara, 2024b, p. 75); ele estava ciente dos conteúdos que circulavam nesses periódicos, pois ajudou a criá-los. Caso não houvesse contexto para a frase sobre as batatas, seria forçado deduzir que Belmonte implica sua sátira aos versos de "Nocturno" de Mário de Andrade.

Interessa notar que além do pregão e da representação do trabalho sexual feminino, Mário de Andrade implicou certo homoerotismo no elogio à negritude no poema "Nocturno". O poeta valorizou o corpo negro no seu retrato do "mulato cor de oiro" que leva "cabeleira feita de alianças polidas", carrega o violão e canta (Andrade, 1922, p. 93). É difícil supor que as críticas ao pregão implicassem questionamentos baseados nesse homoerotismo, dado que não foram encontrados argumentos que sustentem essa ideia. A frequência da homofobia contra a poesia e a pessoa de Mário de Andrade, no entanto, implica que o preconceito foi peça fundamental no debate artístico em jornais da época.

Clarinetista: erudição e homofobia

A linguagem e o preconceito são historicamente situados, por isso, possuem formas que não são inteligíveis para pessoas em outro ponto da história. As revistas cariocas *Fon-Fon!* (1907-1958) e *O Rio Nú* (1898-1916) registraram expressões específicas para se referir a práticas sexuais. Esse vocabulário é essencial para entender a publicação comentada a seguir. Logo após a Semana de Arte Moderna, Belmonte publicou uma caricatura composta de dois quadros relacionados. O quadro inferior representa certo pintor "futurista" paralisado em ação e pensamento. Na parede, há três quadros de arte abstrata, objeto da sátira de Belmonte. O que será comentado em detalhe corresponde à parte superior da caricatura, o grupo de modernistas a tocar instrumentos musicais junto a cartazes com ofensas a artistas

consagrados (Figura 4). Por meio dessas frases, Belmonte denuncia o relato paulista contra os "passadistas" e a propaganda modernista.

Na caricatura há seis personagens, sendo a pintora Anita Malfatti a única mulher do grupo (Gorberg, 2018, p. 129). Os varões são Graça Aranha, Heitor Villa-Lobos, Menotti del Picchia, Oswald e Mário de Andrade. Malfatti segura uma tocha; Villa-Lobos toca o flautim; Aranha toca um instrumento de percussão que sustêm com sua mão esquerda levantada; Oswald de Andrade toca um instrumento de percussão desconhecido que possui um triângulo, um prato de comer, um envase (talvez remédio) e buzinas; Menotti del Picchia toca o tambor. Os instrumentos de percussão implicam sátira às práticas da música popular: os modernistas fariam ruído e não música. E Mário de Andrade toca certo aerófono, instrumento que sai da moldura.

Figura 4. Belmonte. D.Quixote em S. Paulo

D. Quixote. D. Quixote em S. Paulo. Rio de Janeiro. 1 mar. 1922a, p. 17. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

Nenhum aerófono conhecido oferece a combinação de elementos proposta por Belmonte: o aumento do diâmetro do tubo e a pequena curva antes da

campana. O instrumento poderia corresponder ao clarinete, oboé ou saxofone. Nesses casos, a posição das mãos é a usual, à esquerda, na parte superior. Se fosse saxofone soprano ou sopranino deveria ter outro tipo de chaves e a embocadura seria algo distinta; outros saxofones são muito diferentes. No caso do oboé, a embocadura é mais fina do que o tubo e, assim como ocorre no clarinete e no saxofone, as chaves vão além da parte superior do instrumento. As variações dos *oboe d'amor* e *clarinet d'amor* poderiam assemelhar-se ao desenho de Belmonte, mas era frequente que suas campanas contrastassem pela sua forma de bulbo. O clarinete é o instrumento mais parecido com o da charge quando se ignora a curva.

Mário de Andrade estudou canto e formou-se em piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde foi professor de música. Contudo, não há notícia de que Mário de Andrade tenha tocado aerófonos. Ao representar o clarinete, se deduz que Belmonte satirizou Mário de Andrade como "clarinetista", eufemismo para pessoas que praticavam sexo oral. Desse modo, Belmonte atribuiu a Mário a prática de atos homossexuais.

Esse sentido associado ao termo "clarinete" foi usado contra Mário em situação semelhante. Em 1939, no jornal *Dom Casmurro*, Oswald de Andrade publicou que Mário de Andrade sabe algo de música porque obteve diploma de "Humanidades e Clarineta", no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, e o chama de "inefável clarinetista Moleque Girassol" (Andrade, O., 1939, p. 6).

Oswald de Andrade denuncia o que seria a postura autoritária do pintor Cândido Portinari ao ter críticos que o defendem com má argumentação, e isto caberia a Mário de Andrade. Oswald e Mário foram amigos e colegas modernistas até 1929, não é razoável supor que Oswald ignorasse as habilidades musicais do colega. Pela data e pelo conteúdo, o que Oswald publicou em dezembro de 1939 está perto do processo de *Dom Casmurro* contra Mário de Andrade. Este ocorreu entre agosto e setembro de 1939, período no qual o jornal estava sob a responsabilidade de Jorge Amado.

A prática do sexo oral associada às palavras "clarinetista", "clarinete" e "clarineta" não tem registro em dicionários. Distintas variações do termo clarinete referem-se a esses atos, e isso pode se verificar em *O Rio Nú* ou *Fon-Fon!* A modo de exemplo, *O Rio Nú* publicou a crônica "Nas zonas" e registrou as expressões "solos de clarineta", "*clarinetistas* professoras", "dar lições de clarinete" e "*modernissima clarinetista*". Congruente com o contexto, figura a expressão "pegar no *trombone*", "menino" e "menino bonito", as duas últimas referências para proxenetas e homossexuais. Essas frases constam junto a descrições misóginas das trabalhadoras sexuais, nomes pejorativos e inventados, e acusações de desonestidade e falta de higiene (O Rio Nú, 1911, p. 7, itálico no original). Bastos Tigre colaborou com *O Rio Nú*, e Belmonte conhecia a fama da revista, pois lhe atribuiu teor pejorativo em sátira contra o romance *Os condenados* de Oswald de Andrade (Belmonte, 1923f, p. 13). Na campanha da *Folha da Noite*, o romance foi criticado pelo seu suposto teor pornográfico (Vergara, 2018, p. 39). Sendo igualmente o que se deduz ao notar o detalhe na caricatura da escultura de Vênus de Milo (comentada a seguir), Belmonte usava fontes bibliográficas em busca de contexto, e existe o argumento de que essa erudição prejudicou o humor nas suas caricaturas (Gorberg, 2018, p. 137). Entretanto, mesmo se certos sentidos exigiam conhecimentos específicos, os sentidos preconceituosos eram compreensíveis, e, em função, disso foram citados e elaborados para publicar conteúdo preconceituoso.

Estética de Juquery: capacitismo, homofobia, misoginia e racismo

Em teorias médicas de origem europeia, circulou no Brasil a definição da homossexualidade como doença mental. Segundo os médicos Pires de Almeida e Leonídio Ribeiro, a definição referida significa que os "doentes" não deveriam ir ao cárcere, mas, receber tratamento ou ser encaminhados ao manicômio. Usaram referências da antropologia criminal de Cesare Lombroso e investigadores que buscavam "cura" (Almeida, 1906, pp. 253-255; Ribeiro, 1938, pp. 53-55, 165). Isto é relevante porque, na maioria das publicações antimodernistas e homofóbicas,

não se citam teorias médicas ou conceitos científicos específicos sobre a homossexualidade. Sem investigação, não é possível entender se o autor e o leitor tinham conhecimento sobre tais teorias. Os jornalistas não foram explícitos ou redundantes o suficiente para podermos sugerir que se implicou a definição médica da homossexualidade por meio do discurso capacitista. Serão consideradas duas exceções.

Em artigos da campanha da *Folha da Noite*, José Gallo Netto se valeu de definições médicas para abordar a homossexualidade. Em agosto de 1923, dedicou seis artigos a *Paulicea desvairada* e notou expressões em comum com outros textos da campanha, por exemplo, as críticas aos futuristas com o argumento capacitista da loucura e da falta de sentido. No artigo do dia 14 de agosto, Gallo Netto argumenta que Mário de Andrade se apresentou como "profeta" e "louco" e, nesse caso, ele registrou expressões capacitistas junto aos nomes dos especialistas que definem homossexualidade como doença mental: "o Sr. Mário de Andrade não passa de um pobre de espírito (S. Matheus, Evang. Vers. IX) de um alienado inferior (Krafft-Ebing, p. 29) de um mentecapto alvar (Magnan, p. 15)" (Gallo Netto, 1923b, p. 5). No quarto artigo, Gallo Netto também reproduziu chistes com termos científicos que usara no terceiro artigo, como o de que a "apophyse lamuridea" seria sinal da "loucura pejorativa" (Gallo Netto, 1923a, p. 2).

O psiquiatra especialista em estudos da homossexualidade, Richard von Krafft-Ebing, afirmava que homossexualidade seria hereditariamente transmissível, fruto da degeneração da linhagem familiar. Sendo doença mental congênita e incurável, o homossexual não poderia ser considerado responsável pelos seus atos (Tin, 2012, pp. 247-8, 404). Victor Magnan e Jean-Martin Charcot buscaram dar origem cerebral para a "inversão do sentido genital", e Magnan anunciou que o "cérebro homossexual" poderia ser tratado com lobotomia (Tin, 2012, p. 404). No caso dos artigos de Gallo Netto, o aparato de citação permite enfatizar o chiste homofóbico. Se deduz certo moralismo, pois o jornalista referiu o texto sagrado junto a referências científicas, implicando a coincidência na crítica da homossexualidade. Todas as

citações de Gallo Netto são incompletas, sem as datas e sem os nomes dos livros. Pode-se concluir que ele compôs esses artigos com o intuito de criticar e ofender.

Figura 5. Belmonte. [Mário de Andrade]

B.R. Da terra dos bandeirantes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro. 19 mar. 1924, p. 16. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

A interpretação anterior não significa que cada expressão capacitista seja um referente da homossexualidade. Entretanto, se certo autor escreve frases capacitistas e as associa com alguma caraterística própria da homossexualidade, pode-se entender que a homossexualidade foi implicada. No processo de *D. Quixote,* há várias publicações que invocam a afeminação, e há muitas outras em que se veiculou o capacitismo. Em uma situação, implicou-se o conceito médico da homossexualidade, na publicação de Borba Rato[3] e Belmonte contra Mário de Andrade do dia 19 de março de 1924. Eles focaram em três modernistas, Menotti del Picchia, Oswald e Mário de Andrade. Na narrativa, Borba Rato descreveu as fantasias que teriam circulado no último carnaval de São Paulo. O cordão dos "Filhos

3 Borba Rato, Barba Rato e B.R. são pseudônimos de autor desconhecido. Em *D. Quixote*, os nomes assinam a coluna "Da terra dos bandeirantes", dedicada a São Paulo. Entende-se que há referência satírica aos colonizadores de apelido Borba Gato.

do Juquery" seria o mais "gaiato" e estaria sob a direção de Mário de Andrade. Este último teria usado a fantasia da escultura de Vênus de Milo, tema que Belmonte desenhou (Figura 5). A posição dos braços provavelmente corresponde ao fato de que a escultura os perdeu. Belmonte também representou a posição levemente levantada do joelho esquerdo e a túnica sobre os pés.

Em jornais da época, a referência à Vênus de Milo permitiu indicar certo ideal de perfeição e beleza feminina. Dado que o carnaval acabara de acontecer no momento da publicação, e dado que Borba Rato descreve os escritores em fantasias de carnaval, poder-se-ia entender que o humor sobrepuja a ofensa. Contudo, em textos médicos sobre a homossexualidade, afirma-se que o carnaval promove a promiscuidade (Almeida, 1906, p. 49) e que sob o prisma da proteção da masculinidade, assevera-se que os varões não devem se fantasiar de mulher no carnaval (Lima, 1935, p. 212). Borba Rato descreveu Oswald de Andrade com frases injuriosas sobre seu corpo e afirmou que Menotti del Picchia estaria fantasiado de "jazz-band". Belmonte caricaturou essa fantasia: nela, Menotti carrega um tambor e instrumentos de percussão. A ênfase sobre o ritmo implica que o "jazz-band" gera mais ruído do que música. E Borba Rato satirizou os versos dos três autores por meio da invenção de marchas de carnaval (1924, p. 16). Vinculada à população negra nos Estados Unidos, as *jazz-band* chegaram ao Brasil na década de 1920. A estigmatização das práticas musicais produzidas por camadas populares, da música das pessoas negras e da afeminação foram utilizadas na campanha de higiene moral e estética da *Folha da Noite*, na campanha antimodernista do jornal *A Gazeta*, e no processo antimodernista de *D. Quixote* (Vergara, 2018, p. 30; 2024a, pp. 10-11; 2024b, p. 68). O caso da caricatura referenciando Vênus de Milo não é excepcional em relação a isso, mas ao fato de que a soma de referências atribuídas a Mário de Andrade implica a definição médica da homossexualidade.

Borba Rato apresentou o grupo como o cordão dos "Filhos de Juquery" e termina o relato afirmando que o grupo voltou ao "quilômetro 111", que corresponde ao lugar onde estava o Manicômio de Juquery. A forma pejorativa de escrever sobre o universo do hospital psiquiátrico foi usual no processo de *D. Quixote*. Foram citados os nomes de

psiquiatras do Rio de Janeiro e São Paulo, os nomes dos lugares nos quais as pessoas com diagnóstico foram internadas e diversos termos médicos (Vergara, 2024b, pp. 50-51).

Igualmente, na campanha da *Folha da Noite,* expressões capacitistas que faziam referência ao Juquery foram comuns, existindo a expressão "estética de Juquery" para estigmatizar pessoas e criticar o grupo modernista. A forma também circulou na campanha d'*A Gazeta* (Vergara, 2024a, p. 5). Belmonte retratou o mote para outro artigo de Gallo Netto na campanha da *Folha da Noite*. Nesse caso, os "futuristas" trocam o nome do manicômio, no lugar de "Hospício de Juquery", o grupo coloca a inscrição "Academia dos futuristas" (Belmonte, 1923c, p. 2).

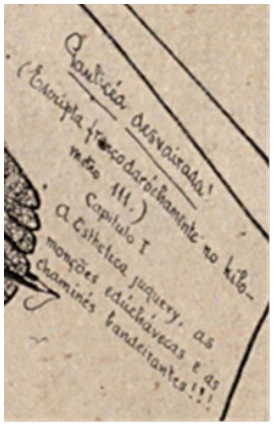
Figura 6: Belmonte. D.Quixote em S. Paulo

D. Quixote. D. Quixote em S. Paulo. Rio de Janeiro. 8 mar. 1922b, p. 21. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Publicado com permissão.

Um mês depois da Semana de 1922, *D. Quixote* publicou a caricatura que se destaca pela agressividade, ao reunir vários preconceitos, capacitismo, misoginia e racismo. Belmonte representou certa mulher negra em roupas de banho, com o dedo no nariz, e escrevendo sobre folhas com o título "Paulicea desvairada" (Figura 6, Figura 7). Sua mão esquerda está em posição incômoda, só uma perna veste meia e tem pelos no corpo. Ela está em posição enviesada, seja porque Belmonte insinuou

a imperfeição física ou a falta de maneiras. Os aviões representam a tecnologia e o aviador paulista Edu Chaves, este último é citado nas folhas. O texto das folhas reforça o capacitismo, ao nomear o diretor de Juquery Francisco Franco da Rocha, o endereço do manicômio (quilômetro 111) e o mote "estética Juquery" (Figura 7). Segundo a legenda, essa seria a "literatura futurista".

Figura 7: Belmonte. D. Quixote em S. Paulo



D. Quixote. D. Quixote em S. Paulo. Rio de Janeiro. 8 mar. 1922b, p. 21. Fragmento, rotado. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Publicado com permissão.

No caso da Figura 4 e da Figura 5, a forma circular em torno da boca no rosto de Mário de Andrade corresponde à representação do prognatismo. O termo descreve a projeção da parte dianteira do rosto, a região da boca e do nariz. Em dicionários atuais, indica a projeção do maxilar inferior. Desde o século dezenove e no início do século vinte, autores que endossavam o racismo científico pretendiam que o prognatismo estava associado às pessoas negras, pois estas estariam mais perto dos primatas na escala evolutiva (Gould, 2017, s.n.p.). No processo antimodernista de *D. Quixote,* os humoristas usaram a figura do primata apenas em relação a Mário de Andrade, e só foram encontradas representações do prognatismo em referências a ele ou à sua obra (Vergara, 2024b, pp. 62-63). Belmonte também publicou caricatura do rosto de Mário de Andrade com prognatismo para acompanhar o artigo de Manuel do Carmo. Nesse caso, a publicação fez parte da campanha de higiene moral e estética da *Folha da Noite* (Belmonte, 1923a, p. 1). Na Figura 6, Belmonte

implicou o primata ao representar o prognatismo e o corpo da mulher coberto de cabelo, inclusive o rosto. Pode-se ampliar a imagem para verificar o detalhe.

Para a pesquisadora Maria Clementina Pereira Cunha, grande parte da população do Hospício do Juquery era negra e, por isso, o grupo não mereceu atenção e interesse científico. Pelas teorias organicistas em vigor no alienismo, a degeneração seria condição das pessoas negras. Ainda para essa medicina, as mulheres negras eram percebidas por uma dupla inferioridade (Cunha, 1988, p. 124). Belmonte e Mário de Andrade eram ambos negros, e a literatura sobre o primeiro evita comentar este aspecto (Gorberg, 2018, p. 103). Belmonte criou a caricatura para ridicularizar, mas ao fazê-lo, também reproduziu preconceitos. Pode-se concluir que jornalistas fizeram o preconceito estruturar a crítica antimodernista publicada nos periódicos da década de 1920, e foram particularmente agressivos contra Mário de Andrade.

Considerações finais

Mário de Andrade criou poemas e narrativas que representam práticas de gênero estigmatizadas e elaborou sobre esses temas ao longo de sua obra. No poema "Nocturno", mencionado aqui pela sua recepção preconceituosa, Mário de Andrade valorizou a beleza de distintos grupos subalternos e do corpo negro. Essa valorização destaca certo olhar *queer* de Mário de Andrade, tornando-se expressão de seus interesses artísticos e intelectuais. No caso dos processos antimodernistas citados, os autores criticaram vários artistas, mas Mário de Andrade foi o alvo preferencial da crítica preconceituosa. É relevante notar que os preconceitos não foram criados como ataques específicos a identidades independentes; ao investigar a homofobia, foram encontrados discursos que articularam vários preconceitos. A homofobia foi elemento recorrente, e esse conteúdo informou e ofereceu humor a amplo grupo de leitores, e não apenas aqueles aos quais é possível atribuir alguma identidade minoritária. No tempo em que Mário de Andrade viveu, a publicação de textos e demais criações artísticas que representassem as dissidências sexuais, de gênero, e que questionassem preconceitos implicou coragem e inteligência.

Referências

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Homossexualismo*: a libertinagem no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Laemmert & C, 1906.

ANDRADE, Mário de. *Paulicea desvairada*. São Paulo: Mayença, 1922.

ANDRADE, Oswald de. As pinturas do Coronel. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: p. 6, 2 dez. 1939.

BELMONTE. D. Quixote em S. Paulo. *D. Quixote*. Rio de Janeiro: p. 17, 1 mar. 1922a.

BELMONTE. D. Quixote em S. Paulo. *D. Quixote*. Rio de Janeiro: p. 21, 8 mar. 1922b.

BELMONTE. E viva o futurismo! *D. Quixote*. Rio de Janeiro: p. 13, 25 out. 1922c.

BELMONTE. [Guilherme de Almeida]. In: *D. Quixote*. Futurismo, penumbrismo & C. Rio de Janeiro: p. 15, 27 dez. 1922d.

BELMONTE. [Mário de Andrade]. In: Carmo, Manuel do. O futurismo: São Paulo e seus homens de letras. *Folha da Noite*. São Paulo: p. 1, 27 mar. 1923a.

BELMONTE. D. Quixote em S. Paulo. *D. Quixote*. Rio de Janeiro: p. 17, 4 abr. 1923b.

BELMONTE. [Academia dos futuristas]. In: Gallo Netto, José. Coisas do futurismo: São Paulo e seus homens de letras. *Folha da Noite*. São Paulo: p. 2, 6 abr. 1923c.

BELMONTE. Poetas de salão: IV – poeta futurista. *A Cigarra*. São Paulo: p. 41, 15 abr. 1923d.

BELMONTE. A mulher – segundo a escola futurista. *A Cigarra*. São Paulo: p. 55, 15 mai. 1923e.

BELMONTE. [Mário de Andrade, Motta Filho, Oswald de Andrade]. In: Chagas, Moacyr. Perfis futuristas. *D. Quixote*. Rio de Janeiro: p. 13, 15 ago. 1923f.

BELMONTE. [Mário de Andrade]. In: B.R. Da terra dos bandeirantes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro: p. 16, 19 mar. 1924.

B.R. Da terra dos bandeirantes. *D. Quixote*. Rio de Janeiro: p. 16, 19 mar. 1924.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo*: Juquery, a história de um asilo. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

DIÓGENES. [Poeta futurista]. *A Cigarra*. São Paulo: p. 28, 15 jan. 1924.

GALLO NETTO, José. Paulicéa desvairada: São Paulo e seus homens de letras III. *Folha da Noite*. São Paulo: p. 2, 11 ago. 1923a.

GALLO NETTO, José. Paulicéa desvairada: São Paulo e seus homens de letras IV. *Folha da Noite*. São Paulo: p. 5, 14 ago. 1923b.

GORBERG, Marissa. *Um olhar sobre as caricaturas de Belmonte (1923-1927)*. Tese. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, 2018.

GOULD, Stephen Jay. *La falsa medida del hombre*. Trad. Ricardo Pochtar, Antonio Desmonts. Barcelona: Planeta, 2017.

LAURETIS, Teresa de. Género y teoría queer. *Mora*. Buenos Aires: 21, pp. 107-118, 2015.

LIMA, Estácio de. *A inversão dos sexos*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1935.

O RIO NÚ. Nas zonas. Rio de Janeiro: p. 7, 25 mar. 1911.

RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.

TIN, Louis-Georges. *Diccionario Akal de la homofobia*. Madrid: Akal, 2012.

VERGARA, Jorge. *Toda canção de liberdade vem do cárcere*: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade. Tese. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

VERGARA, Jorge. Los mozos bonitos: la expresión que fue referencia para las prácticas de género en Brasil. *Con X*, n.º 7, e040, octubre de 2021. Doi: https://doi.org/10.24215/24690333e040.

VERGARA, Jorge. Preconceito na campanha antimodernista do jornal *A Gazeta* de São Paulo (1921-1922). *Revista Humanidades*, 14(1), e54657, 2024a. Doi: https://doi.org/10.15517/h.v14i1.54657

VERGARA, Jorge. O processo antimodernista da revista *D. Quixote*: preconceito para debater arte (1920-1926). *Accadere. Revista de Historia del Arte*. (7), junio de 2024b. Doi: https://doi.org/10.25145/j.histarte.2024.07.03